O ESTADO DE S. PAULO

Índice achatado

QUINTA, 12 DE JULHO


PIB chinês cresce só 7,6% no 2º trimestre

O PIB chinês cresceu 7,6% no segundo trimestre do ano em relação ao mesmo período do ano passado, o mais baixo nível desde os primeiros três meses de 2009, no auge do impacto da crise financeira global. No primeiro trimestre, o crescimento foi de 8,1%.

JUAN MEDINA/REUTERS



Marcha Negra. O desemprego bate recordes na Europa, mas uma nova era de conectividade vem aí: 'Ao contrário do que se pensa, a tecnologia tem criado mais empregos do que destruído'

Sombras do mundo que se vai

Para pesquisador, um novo modelo econômico baseado na conectividade está sendo gerado em plena crise global

IVAN MARSIGLIA

O indiano-americano Parag Khanna é um intelectual peculiar, que alia a sólida bagagem acadêmica à mochila de viagem com que visita sociedades e culturas sobre as quais escreve. Nas "pesquisas de campo" que fez por mais de cem países, Khanna – que tem apenas 35 anos – pratica, além de seu hindi nativo, o inglês, francês, alemão e espanhol que fala com fluência, além de "um árabe básico". E coteja os conhecimentos adquiridos em seu doutorado na London School of Economics e em seu mestrado na School of Foreign Service da Universidade Georgetown com as informações sutis de um futuro ainda em gestação no mundo.

Não é difícil entender por que esse "acadêmico aventureiro", como já foi chamado pela imprensa norte-americana, define a si próprio como um geoestrategista. Pesquisador sênior e diretor da Iniciativa de Governança Global da New America Foundation e membro do European Council on Foreign Relations, Khanna foi recrutado como conselheiro pelas Forças Armadas dos EUA na tentativa de desatar o nó das campanhas militares no Iraque e no Afeganistão. E integrou, como consultor para assuntos de política externa, a equipe da campanha vitoriosa de Obama à presidência.

Com dois livros publicados no Brasil pela editora Intrínseca, *O Segundo Mundo – Impérios e Influência na Nova Ordem Global* (2008) e *Como Governar o Mundo – Os Caminhos para o Novo Renascimento* (2011), ele acaba de lançar nos EUA, em parceria com sua mulher Ayesha (economista e doutora em Sistemas de Informação pela London School), *Hybrid Reality*. A trilogia consolida sua visão de um mundo dominado por três grandes impérios, os EUA, a União Europeia (UE) e a China, mas cujos parâmetros de desenvolvimento foram modificados pela velocidade das trocas tecnológicas em uma era de conectividade global.

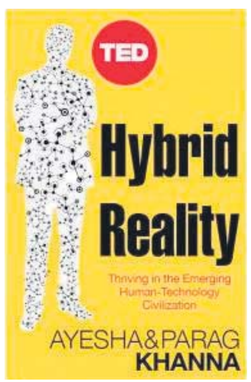
Na entrevista a seguir, o pensador, eleito uma das 75 "pessoas mais influentes do século 21" pela revista *Esquire*, vê o mundo convulsionado pela mais violenta crise econômica desde o pós-guerra com lentes voltadas para o que vem depois. "Esta não é uma crise global", sentencia sem medo Parag Khanna, para quem, apesar dos efeitos três não seja frágil. A retomada americana é muito dependente de estímulos econômicos e do potencial de descobertas de reservas de gás de xisto baratas. A UE nem se recuperando está, embora a crise econômica esteja forçando o bloco a tomar medidas necessárias e progressivas na direção de uma união mais forte. Já a China é considerada um pesadelo estatístico, com dados econômicos nos quais não se pode confiar, mas não acredito que vá ocorrer uma "aterrissagem forçada". A desaceleração do crescimento em função do comércio externo do país será compensada pelo crescente número de chineses que entram no mercado de consumo e na classe média. Mantendo a inflação controlada e a moeda fraca, a China será capaz de manter seu crescente progresso material enquanto retoma a competitividade no comércio exterior. Continuo acreditando que os três serão as superpotências mundiais no século 21, e não ainda a Índia, por exemplo.

REPRODUÇÃO



Entrevista
Parag Khanna

GEOESTRATEGISTA, EX-CONSULTOR DE BARACK OBAMA E AUTOR DE *O SEGUNDO MUNDO* (INTRÍNSECA, 2008) E *HYBRID REALITY* (TED BOOKS, 2012)



● Quando o economista Jim O'Neill cunhou, em 2001, a expressão Brics, anunciando a transferência do poder econômico global do G7 para os países emergentes, não podia adivinhar o impacto que teria a crise financeira de 2008, seguida por essa que se abateu sobre a zona do euro. O tranco pode inviabilizar os países emergentes?
O termo Brics surgiu de uma expressão crucial: mercados emergentes. A categoria "mercados emergentes" é bem mais ampla e compreende muito do que eu chamo de "segundo mundo". Por ser tão aberta e conter trajetórias tão diferentes, é difícil resumi-la em uma frase. Mas a ideia sugeria desde o princípio que certos países tenderiam a emergir, como o Brasil e a Malásia, enquanto outros iriam fatalmente cambalear, como a Venezuela e a Líbia. E o fato é que, neste exato momento, os mercados emergentes têm feito um bom trabalho para amenizar os efeitos da crise financeira de 2008 e da crise na zona do euro. Eles continuam a crescer, embora mais modestamente. Existe neles um certo grau de descolamento, que vejo como um forte sinal da emergência desses mercados e de um outro padrão de investimentos.

● No Brasil, a desaceleração da previsão do PIB para este ano causa grande preocupação. Ainda mais levando em conta os problemas da China, tida como 'motor' dos Brics...
De novo, essa não é uma crise global, embora todos os países tenham fatores de risco com que se preocupar. O fato de a economia chinesa estar desacelerando não deveria espantar ninguém, tendo em vista as taxas de crescimento que o país apresentou nas últimas três décadas. E o fato de a China ainda exibir taxas bastante distintas das americanas e europeias mostra quanto o país foi capaz de estreitar laços com outras regiões, como a África, o Oriente Médio e a América Latina, e manter em bom nível suas exportações.

● A crítica às políticas de austeridade para combater a crise têm crescido na Europa, especialmente após a vitória de François Hollande na França. Em uma região onde 4,5 milhões de pessoas deverão perder seus empregos nos próximos quatro anos, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), austeridade é a solução?
Austeridade e disciplina são coisas diferentes. Eu acredito na disciplina, mas não em austeridade em contexto de desemprego tão alto. Mas essa disciplina de que estou falando requer visão estratégica para os próximos anos, o que os países periféricos da zona do euro ainda não demonstraram.

● Apesar disso, a leitura de *Hybrid Reality* transparece otimismo. O que o sr. e sua mulher, que também assina o livro, estão vendo que ninguém mais parece estar?
Estamos olhando não para questões de crescimento econômico no curto prazo, mas para as trocas e rupturas tecnológicas de médio e longo prazo. A tecnologia dirige a economia, não o contrário. A imensa inovação que está em curso nas tecnologias da informação, na biotecnologia, nanotecnologia, robótica, nas fontes de energia alternativas e em outras áreas – e na combinação de todos esses campos – está criando novas possibilidades econômicas para muito mais gente no mundo do que em qualquer outra época. Ao contrário do que se pensa, a tecnologia tem criado de longe muito mais empregos do que destruído.

● Por que o sr. diz que a civilização humana necessita hoje menos de QI (quociente de inteligência) e QE (quociente emocional) do que de QT, quociente tecnológico?
Porque a tecnologia está evoluindo e se espraiando rapidamente no mundo. O que distingue as sociedades hoje não é tanto a renda ou o sistema político, mas o grau de acesso e domínio da tecnologia. As sociedades que estiverem à frente da curva tecnológica e educarem suas populações a permanecerem empregadas em um ambiente globalmente competitivo vão permanecer estáveis e prósperas. O que requer quociente tecnológico, a capacidade de se adaptar à mudança tecnológica, não apenas a uma rotina conhecida.

● Mas em um mundo economicamente tão desigual é possível acreditar nisso? Ou o que o sr. chama de 'Era Híbrida' chegará apenas para uns poucos e privilegiados países?
A Era Híbrida está chegando para todos. Aqui está o mais simples e profundo exemplo: os trabalhadores chineses, que formaram o "chão de fábrica" global, estão agora ameaçados pela automação robótica. A FoxConn (*companhia chinesa responsável pela montagem de produtos de alta tecnologia, como iPhones e iPads*) planeja introduzir mais de 1 milhão de robôs em suas fábricas. E também este fato: o celular é a infraestrutura mais penetrante e disseminada da história da humanidade. Em dez anos, todas as pessoas na Terra terão um aparelho celular. Em cima dessa rede, poderão ser desenvolvidas outras tecnologias, como contas bancárias via celular e telemedicina. Esses são fenômenos do que chamamos de Era Híbrida – algo que atinge tanto os mais ricos do mundo, que terão acesso a órgãos artificiais e todo o tipo de privilégios futuristas, quanto os mais pobres.

● Mas para os pobres não seria apenas um modo mais sofisticado de consumir produtos produzidos em nações ricas? É difícil imaginar o cidadão de um rincão longínquo da África ou da América Latina tomando parte ativa nessa nova economia tecnológica globalizada de que o sr. fala.
Na verdade, as vendas de produtos que mais crescem na África hoje são de bens de baixo custo oriundos da China e da Índia. Então, você pode perceber como são importantes hoje os fluxos entre países em desenvolvimento – mais do que de países "ricos" para "pobres". Além disso, muita inovação tem surgido nos emergentes, como os celulares movidos a energia solar, por exemplo. Sem falar no fato de que tecnologias como o tablet estão difundindo rapidamente a literatura em países como Ruanda e Camboja. Então, a Era Híbrida também tem o potencial de reverter as dinâmicas hierárquicas de dominância econômica ocidental.

● O sr. foi consultor da campanha presidencial de Barack Obama. Como avalia o desempenho dele até agora?
Esses quatro anos, evidentemente, foram uma decepção. Foi um mandato que passou rapidamente, deixando um pequeno progresso na saúde financeira do país e pouco – ou nenhum, eu diria – sucesso na política externa. Claro que as condições em que ele assumiu foram terríveis, quase as piores imagináveis.

● Acha que Obama será reeleito?
Espero que seja, mas que sua performance dessa vez seja melhor, e seu governo, capaz de formular políticas de longo prazo mais criativas e eficazes. A administração Obama ainda carece de uma grande estratégia, o que é especialmente problemático em relação à política externa.

● Em um livro recentemente lançado no Brasil, *Éramos Nós – A Crise Americana e como Resolvê-la*, o jornalista Thomas Friedman e o professor Michael Mandelbaum lamentam o fim do 'sonho americano' mas acreditam que o sistema político do país será capaz de retomar seu peso histórico. O sr. concorda?
Eu já refutava esse argumento no *Segundo Mundo*. Não podemos simplesmente esperar por uma renovação geracional baseada nas conquistas do pós-guerra na metade do século 20. Ela não vai ocorrer. O que precisamos é de um consenso político e de políticas de investimento doméstico sensatas. Isso não está acontecendo. Eu prefiro uma mudança substantiva ao apego a esse tipo de nostalgia.

● E até que ponto potências tradicionais e emergentes, como os EUA, a Índia e a China, por exemplo, estão preparadas para essa nova era de conectividade e inovação compartilhada que o sr. antevê?
Não há uma resposta comum na preparação de nações tão diversas. Ayesha e eu chamamos essa capacidade de se adaptar às novas tecnologias de "technik". Os EUA são grandes inovadores e criadores de tecnologias, mas estão ficando para trás na difusão de penetração de internet de banda larga no país e também na educação científica dos jovens. A Índia, embora muito pobre, tem leis sofisticadas no que diz respeito ao "direito à informação" que demonstram uma impressionante technik.

● E o Brasil? O que deve fazer para garantir uma boa inserção nessa nova era?
O Brasil está diversificando sua economia e investindo em energias alternativas, biotecnologia e outras áreas. Avanços já são visíveis na agricultura, em alguns setores manufatureiros, na área da construção civil e no turismo. Tudo isso é importante para impulsionar o emprego e aperfeiçoar a infraestrutura do país. Sem uma boa infraestrutura é bem mais difícil absorver as novas tecnologias sistematicamente, como será necessário. Essa é uma estratégia inteligente na escalada aos setores-chave de liderança no futuro. Sem exagero, vejo o Brasil em condições de igualdade de poder com os EUA na Era Híbrida.

Os cavaleiros do sinoapocalipse

Da baixa cotação da carne de porco aos crescentes estoques de carvão para eletricidade, passando pelo nervosismo no mercado de carros de luxo, a economia chinesa começa a emitir sinais de alerta

ED JONES/AFP



Cansaço. Para autor, há indicadores concretos de que a China esteja passando por algo pior que uma desaceleração corriqueira

TREFOR MOSS
FOREIGN POLICY

As luzes estão oscilando no motor econômico do mundo.

Por mais que as perspectivas para a China ainda sejam positivas, digamos, pelos padrões europeus, os números mostram que o histórico motor de crescimento do país pode estar com problemas. As empresas estão pedindo menos empréstimos. A produção manufatureira caiu muito. Os juros sofreram cortes inesperados. As importações estagnaram. As projeções para o PIB perderam força, e alguns dizem que a China já estaria em recessão. Em março, o premiê Wen Jiabao cravou a meta de crescimento para 2012 em 7,5%. Tida na época como conservadora, essa meta é hoje vista como presciente e, caso se torne realidade, seria a mais baixa taxa anual de crescimento na China desde 1990, quando o país enfrentou o isolamento internacional após o massacre da Praça Tiananmen, em 1989.

Quais são os indicadores concretos de que a China está passando por algo pior do que uma desaceleração corriqueira? Eis aqui cinco dados do mundo real que dão uma ideia da dimensão dos problemas enfrentados pelo país.

1. Adeus, BMW
O pacote de estímulo de US$ 586 bilhões que possibilitou à China passar quase incólume pelo declínio global de 2009 conseguiu apenas adiar a dor para os governos locais. Agora pede-se deles que quitem a dívida, e isso significa um período de grande aperto no cinto das prefeituras.

As frotas de carros chiques que os funcionários dos governos municipais acumularam livremente durante os anos de prosperidade estão entre os primeiros luxos que vão desaparecer. A cidade de Wenzhou planeja leiloar 80% de seus veículos neste ano – o equivalente a 1.300 carros – e vendas emergenciais do mesmo tipo devem ocorrer por todo o país. Até a Ferrari demonstra nervosismo ao comentar o declínio chinês, e não apenas porque o playboy Bo Guagua (*filho do alto dirigente do PC caído em desgraça Bo Xilai*) parece ter sido cortado da lista de compradores em potencial.

Para os governos municipais, parte da dor de cabeça decorre do fato de a venda de terras ter perdido força por uma iniciativa do governo central para esfriar o mercado imobiliário chinês, que apresentava sinais de superaquecimento, e também por causa da falta de dinheiro e confiança entre potenciais compradores. Em junho, o preço médio dos imóveis em cem grandes cidades chinesas aumentou pela primeira vez em nove meses, mas os preços ainda estão 1,9% abaixo do nível do ano anterior. Algumas instalações governamentais podem ser as próximas a serem leiloadas, depois que os carros oficiais forem arrematados por particulares. Então terá início a economia extrema: os elaborados banquetes oficiais da China podem se tornar bem mais prosaicos.

2. Distúrbios em Guangdong
Funcionários do alto escalão do governo alertam há décadas para o perigo de uma desaceleração econômica trazer como consequência a instabilidade social. Com poucas exceções, a moderna taxa de crescimento da China tem sido impressionante o bastante para manter a maioria das pessoas contente durante a maior parte do tempo. Mas, conforme o crescimento do PIB fica abaixo de 8% pela primeira vez em anos, o tecido social chinês pode se ver sob tensão, especialmente quando milhares ou até milhões de trabalhadores migrantes virem seus empregos ameaçados. "Está claro que a desaceleração no crescimento das exportações como resultado do enfraquecimento da Europa e dos Estados Unidos continua a ser um fardo para a economia chinesa", disse à *Bloomberg Businessweek* o economista Lu Ting, do Bank Of America em Hong Kong. Exportadores estão quebrando e algumas das fábricas que continuam abertas passaram de três turnos de trabalho para apenas um.

Os trabalhadores migrantes sempre forneceram a mão de obra que mantém funcionando o motor chinês do crescimento. Mas, para a estabilidade da China, é fundamental que tenham a sensação de participar da recompensa. A insatisfação deles traz o risco de ser o grande ponto fraco da China, como percebeu a cidade manufatureira de Shaxi, em Guangdong, ao se tornar palco do mais recente "incidente de massas" do país. O caso de Shaxi parece ter sido controlado, mas as autoridades não poderão lidar com muitas situações simultâneas desse tipo.

3. Sumiço dos ricos
Quando a situação fica ruim, os ricos tocam para o aeroporto.

A venda de artigos de luxo na China, setor de grande prosperidade, começou a perder força no início do ano. Mas isso não significa que os chineses ricos pararam de gastar. Eles simplesmente deixaram de gastar na China. No fim do ano passado, tornou-se claro que muitos chineses ricos estavam perdendo a confiança no mercado doméstico e passando a investir em bens conversíveis, como moeda estrangeira, em lugar de bens fixos, como imóveis. Agora eles procuram cada vez mais oportunidades de investimento em propriedades de alto padrão no exterior, em parte por causa das restrições domésticas e dos bons preços no exterior, mas também como forma de se proteger contra as incertezas políticas e econômicas no próprio país. Isso bate com a revelação feita no fim de 2011 de que mais da metade dos milionários chineses pensa em deixar o país e se instalar permanentemente no exterior.

Promotores chineses disseram que quase 19 mil funcionários públicos foram apanhados nos últimos 12 anos ao tentar fugir para o exterior com dinheiro obtido ilegalmente; eles usam o termo "funcionário nu" para se referir àqueles que transferiram fortunas ilícitas para algum buraco no exterior, instalaram lá suas famílias e aguardam o momento oportuno para abandonar o aderna do navio chinês. Os ricos e os politicamente poderosos da China são com frequência membros da mesma família e, se o país de fato entrar em recessão, muitos ricos podem decidir que é chegada a hora de procurar a saída.

4. Um verão longo e quente
O consumo de eletricidade costuma aumentar no verão, quando as pessoas ligam o ar-condicionado para aguentar o calor. Mas neste ano muitos chineses parecem dispostos a enfrentar a temperatura para poupar. Em portos chineses há pilhas de carvão que deveria ser usado para alimentar as usinas elétricas. A queda na manufatura também é responsável por isso. Ainda no ano passado, Pequim falou em armazenar um grande estoque de carvão para evitar escassez. Parece que importou mais do que precisava, com cidadãos, empresas e fábricas em dificuldades cortando o consumo de energia para reduzir as contas. O preço do carvão já caiu 10% desde o ano passado. A queda pode prejudicar ainda mais a economia global, o que por sua vez reduziria ainda mais a demanda por exportações chinesas. Assim funciona a globalização: um chinês desliga o ar-condicionado e a economia mundial pega uma gripe.

5. Porco em baixa e ovos na estratosfera
Com a China consumindo cada vez mais carne, o preço da carne suína e bovina aumentou, puxado pela demanda incessante. Isso fez da inflação uma das preocupações dos governantes. Já em 2007, a China consumia 1,7 milhão de porcos por dia; em 2011 o Bureau Nacional de Estatísticas disse que o preço da carne suína tinha subido 57% em relação ao ano anterior.

Mas nos últimos quatro meses a demanda por carne suína perdeu força. O excesso de estoque resultante fez com que a importantíssima relação de preços porco/milho caísse abaixo do ponto em que a criação suína se torna rentável, obrigando o governo a intervir e comprar carne para estabilizar os preços.

Indiferente à queda no preço da carne suína, o preço dos ovos aumentou bastante – e tão rapidamente que os compradores começaram a usar a expressão "ovos na estratosfera". Além disso, os consumidores chineses, com a confiança abalada não apenas por causa da economia vacilante, mas também por uma longa série de escândalos envolvendo a segurança alimentar, estão optando cada vez mais pelo cultivo dos próprios legumes, verduras e frutas, de modo a evitar: a) serem tapeados; e b) consumirem pepinos que receberam injeções de substâncias que nenhum pepino deveria receber.

Neste segundo semestre, o vice-presidente Xi Jinping deve assumir a presidência da China, numa transição de liderança que ocorre uma vez a cada década. Conforme as fissuras começam a surgir nos alicerces econômicos de seu país, é o caso de se indagar se ele ainda quer o cargo. / TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL